

Fundação
Dom
Cabral

• www.fdc.org.br •

BOLETIM: Agosto/2016

Produtividade no Contexto Mundial: onde e porque a produtividade tem caído?

PESQUISA DE PRODUTIVIDADE

FUNDAÇÃO DOM CABRAL



DESENVOLVIMENTO DE EXECUTIVOS E EMPRESAS

SOBRE A EQUIPE TÉCNICA DA FUNDAÇÃO DOM CABRAL (FDC)

COORDENAÇÃO TÉCNICA DA PESQUISA DE PRODUTIVIDADE:

Hugo Ferreira Braga Tadeu é professor e pesquisador da Fundação Dom Cabral (FDC), atuando no Núcleo de Inovação e Empreendedorismo. Coordenador do Centro de Referência em Inovação Nacional, atuando também no programa de mestrado profissional e programas customizados da FDC. Tem experiência em projetos de pesquisa sobre inovações financeiras, inovação no setor de saúde, indicadores de inovação, cidades inteligentes, inovação e energia, produtividade e cenários de longo prazo. Pós-doutor em Simulação pela Sauder School of Business – University of British Columbia, Canadá.

EQUIPE TÉCNICA:

Eduardo Stock dos Santos é bolsista de iniciação científica da Fundação Dom Cabral, atuando no Núcleo de Inovação e Empreendedorismo. Estudante de Economia pela UFMG.

ANÁLISES TÉCNICAS

Como já foi discutido no relatório do mês passado, o ganho de produtividade no mundo tem caído de maneira consistente desde a deflagração da crise financeira de 2008. Porém este comportamento de queda tem se dado em diferentes maneiras e ritmos em todo o mundo. O objetivo deste relatório é discutir este comportamento, onde e porque o ganho de produtividade no mundo tem caído. Ainda que cada país apresente sua peculiaridade, neste relatório focaremos nossa análise em dois clusters: os países desenvolvidos e os emergentes.

Utilizando produtividade do trabalho como indicador de produtividade agregada, observa-se divergências grandes entre a média dos emergentes, média dos países desenvolvidos e a média global. Conforme gráfico 01, os países desenvolvidos que apresentavam um índice muito próximo da média histórica de 2%, a partir da década de 1990 iniciam uma queda constante fechando o ano de 2014 a patamares próximos a 0,5%. Já os países emergentes apresentam números muito ruins para os anos 1980, chegando a valores negativos, este quadro é revertido nos anos 1990 com grande recuperação seguida de crescimento notável na década de 2000, acontecendo concomitante a desaceleração europeia. A conjuntura favorável dos países emergentes, ao alcançar médias de crescimento de 4,5% ao ano é revertida após crise de 2008, onde a partir deste ano segue em tendência de queda, fechando 2014 ainda em níveis muito bons de 3.5%. China e Índia são destaques neste contexto contribuindo para esta média alta pós 2008.

Olhando o comportamento de ambos clusters em comparação a média mundial, nota-se um comportamento semelhante entre países emergentes e o mundo, onde os emergentes puxam a média mundial para baixo em 1980, sendo também os principais responsáveis pelo crescimento do índice de 1990-2008. O gráfico abaixo ilustra os argumentos expostos:

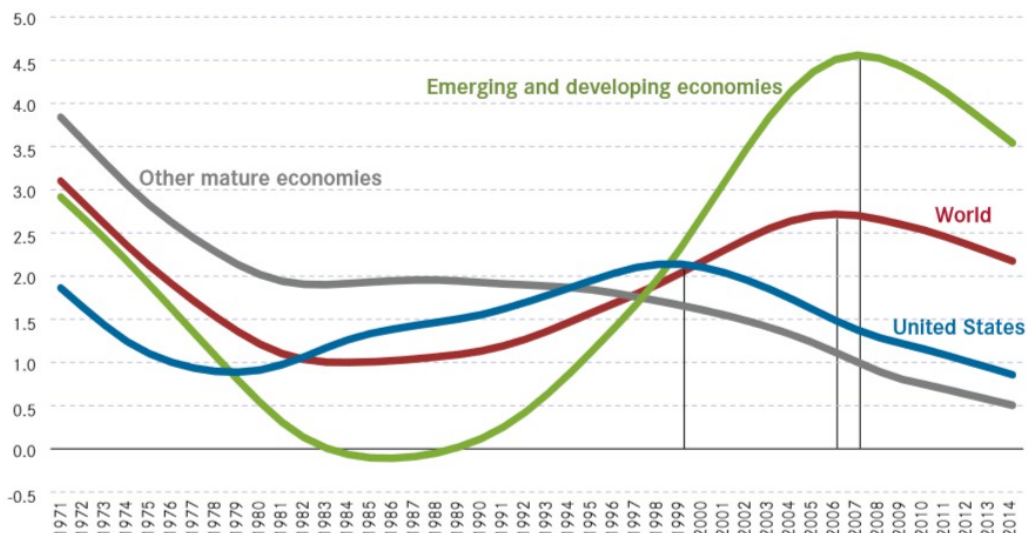


Gráfico 01: Variação média anual da produtividade do trabalho, usando HP Filter 1971-2014
 Fonte: The Conference Board Total Economy Database (2016)

Ao avaliar o nível de produtividade no mundo destacasse dois pontos. O primeiro consiste do fato de que, ainda que os países emergentes tenham apresentado grande crescimento da produtividade nas últimas duas décadas, sua produtividade ainda está muito abaixo dos países desenvolvidos. Outro ponto relevante deriva do fato de que os países desenvolvidos, além de apresentar um comportamento ruim nos últimos anos, também possuem uma produtividade muito aquém do líder mundial, os EUA. Estas afirmações podem ser observadas no gráfico abaixo:

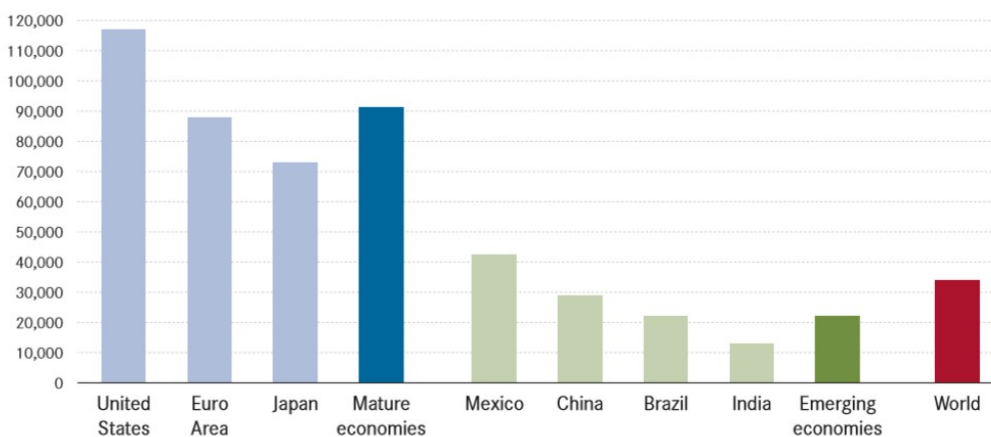



Gráfico 02: PIB per capita no ano de 2014
 Fonte: The Conference Board Total Economy Database (2016)

Tendo em vista os dados acima apresentados, argumentos quanto a diminuição da produtividade mundial como sendo um fator estrutural tem se fortalecido uma vez que os países próximos a fronteira tecnológica vêm apresentando dificuldades para aumentar seu nível de produtividade não apenas após crise 2008, mas muito antes disso. Tratando dos motivadores para tal temos três principais. O primeiro motivador para a desaceleração do crescimento vem a ser uma questão tecnológica (conforme apresentado no relatório passado), as tecnologias da terceira e quarta revoluções industrial, embora extremamente relevantes para produtividade, tendo também um grande potencial para novas oportunidades, captação de valor e lucratividade, não tem apresentado o mesmo potencial de ganho de produtividade que as duas primeiras revoluções industriais.

Outro fator seria um motivador institucional, o aumento da regulação no setor financeiro após crise de 2008 (Com o objetivo de evitar outras crises) tem burocratizado e criado uma série de obstáculos dificultando o acesso a recursos principalmente de investimentos de maior risco como startups, empresas e projetos inovadores, sendo estes investimentos os detentores do maior potencial inovador na economia e conseqüentemente os principais motores para o ganho de produtividade agregada. O terceiro motivador vem a ser um fator demográfico, o crescimento populacional dos países desenvolvidos tem caído, apresentando populações decrescente ou estagnada em alguns casos, diminuindo assim a oferta de trabalho. A queda da oferta de trabalho tem implicações negativas na produtividade tanto nos ganhos de escala quanto no progresso técnico.

Quanto aos países emergentes, grande parte do seu crescimento notável na década de 2000 se deu por meio do aumento do acesso a mercados globais, adoção rápida a tecnologias do primeiro mundo e programas sociais capazes de fomentar a demanda interna. Este modelo após 2008 começa a enfrentar problemas e se esgotar. Quanto ao acesso a mercados internacionais, houve uma grande retração no comércio mundial após 2008, uma vez que países ao entrar em recessão após a crise tiveram renda e demanda prejudicadas, afetando as exportações. No que diz respeito aos programas sociais de aumento de demanda interna, estes se deram muitas vezes pela elevação do salário real. Este aumento do salário implica em custos do trabalho que cresce em economias emergentes entre 2000-2015, com este aumento do custo para assegurar a lucratividade e competitividade das empresas é necessário o ganho de produtividade. Porém, nas últimas décadas a elevação da produtividade em nações emergentes tem se dado em grande parte por meio de um modelo de importação de tecnologias, máquinas e equipamentos dos países desenvolvidos. Este modelo funcionou e funciona muito bem para os primeiros estágios de desenvolvimento, mas uma vez que a economia já tenha alcançado certo nível de produtividade ele começa a se esgotar, propiciando retornos cada vez menores a medida que os entraves ao ganho de produtividade se tornam mais complexos.

Neste contexto, diante da estrutura econômica vigente dos países emergentes, outros fatores precisam ser desenvolvidos para perpassar tais entraves, ou seja há uma



aproximação da agenda de pré-requisitos para o aumento de produtividade dos países emergentes frente à agenda dos desenvolvidos e conforme exposto acima, a agenda dos desenvolvidos não está nada fácil. Estes fatores e a nova agenda seriam **competências internas** (gestão interna, potencial de inovação das empresas e capacidade de relacionamento e colaboração com parceiros como fornecedores e clientes), **investimentos em ativos conhecimento-intensivos** (ativos informacionais, base de dados e tecnologias para processamento/análise de dados como *Analytics*, *Big Data* e Internet das Coisas) e **capital humano**, ou seja capacitação da mão de obra, não se resumindo apenas a anos de escolaridade.

O alcance e cumprimento desta nova agenda mais complexa de desenvolvimento tem ditado os diferentes níveis de produtividade dos países desenvolvidos da mesma maneira que irá impor as divergências entre os emergentes. O Brasil neste contexto além do fato de ancorar seu ganho de produtividade ao modelo exposto acima de importação de tecnologia e maquinário, ainda se encontra muito preso a lógica fordista de produção, paradigma este traspassado a muito tempo no mundo desenvolvido e mais recentemente por outros países emergentes como Coreia do Sul e China. Desta forma, diagnósticos quanto ao futuro da produtividade brasileira são pessimistas tanto no curto prazo, superar a hostil crise econômica atual, quanto no longo prazo, abandonar o paradigma de produção vigente que não leva em conta fatores cruciais como competências internas, investimentos em ativos conhecimento-intensivos e capital humano.

FUNDAÇÃO DOM CABRAL



DESENVOLVIMENTO DE EXECUTIVOS E EMPRESAS

Campus Aloysio Faria

Av. Princesa Diana, 760
Alphaville Lagoa dos Ingleses
34000-000 - Nova Lima (MG) - Brasil

Campus Belo Horizonte

Rua Bernardo Guimarães, 3.071
Santo Agostinho
30140-083 - Belo Horizonte (MG) - Brasil

Campus São Paulo

Av. Dr. Cardoso de Melo, 1.184 - 15º andar
Vila Olímpia
04548-004 - São Paulo (SP) - Brasil

Campus Rio de Janeiro

Av. Afrânio de Melo Franco, 290
2º andar - Leblon
22430-060 - Rio de Janeiro (RJ) - Brasil

atendimento@fdc.org.br
0800-941-9200

• www.fdc.org.br •

